

MULHERES NA ARTE: DE ARTEMÍSIA DE GENTILESCHI À CONTEMPORANEIDADE

WOMEN IN ART: FROM ARTEMISIA DE GENTILESCHI TO CONTEMPORARY TIMES

M. Lourdes Luz¹
Virgínia Palmerston²

Recebido em 12/09/2024

Aprovado em 17/12/2024

RESUMO

Uma reflexão bastante pertinente para os dias atuais é sobre a divisão que fazemos entre o lugar do homem e da mulher na sociedade, fenômeno que também ocorre na arte, tema que apresentaremos neste artigo. O fato de não haver muitos registros, não quer dizer que as artistas mulheres teriam sido menores ou inferiores, ou ainda que suas contribuições fossem menos significativas do que a dos homens, porém importa ressaltar que a História, até bem pouco tempo, foi escrita por homens. As artistas mulheres tiveram que transpor várias barreiras e a primeira delas foi a questão educacional. O artigo retrata um fazer feminino que acompanha as conquistas da mulher ao longo dos séculos, no universo da arte, saindo de um espaço doméstico e atingindo as demais instâncias da sociedade, por meio de temáticas ligadas à política, ao meio ambiente, à educação, à cultura, entre outras.

Palavras-Chave: mulheres na arte; Académie Julian; arte contemporânea.

ABSTRACT

The division between the place of men and women in society is a very pertinent issue nowadays. As we will discuss in this article, it occurs in the art field. There are not many records about the success of female artists, but it doesn't mean that it did not happen, or even that their contributions were less significant than those of men. However, it is important to highlight that history, until very recently, was written only by men. Female artists had to overcome several barriers, the first of which was the educational issue. This article aims to show the feminine achievement over the centuries in the art world, leaving the domestic space and reaching other levels of society, through themes like politics, environment, education, and culture.

Keywords: women in art; Académie Julian; contemporary art.

INTRODUÇÃO

Uma reflexão bastante pertinente para os dias atuais é sobre a divisão que fazemos entre o lugar do homem e da mulher na sociedade. Conforme explica Almeida (2022, p.1), “esta recorrência de separação de gênero em todos os espectros da vida humana, acaba por se demonstrar em várias áreas”. E esse fenômeno ocorre também na arte, tema que iremos demonstrar neste artigo. O fato de não haver muitos registros

¹ Doutora em Artes Visuais (EBA-UFRJ). Graduação em Arquitetura (FAU-UFRJ). E-Mail: luz@lourdeluz.com.br

² Doutora em Letras- Linguística (UFMG); Mestre em Comunicação, Educação e Administração (USM-SP); Especialista em Docência do Ensino Superior (Unicentro Newton Paiva- MG) e Graduada em Jornalismo (FISTA-MG). E-mail: palmerstonvirginia@gmail.com

não quer dizer que as artistas mulheres teriam sido menores ou inferiores, ou ainda que suas contribuições fossem menos significativas do que a dos homens, porém importa ressaltar que a História, até bem pouco tempo, foi escrita por homens. As artistas mulheres tiveram que transpor várias barreiras e a primeira delas foi a questão educacional. Com base nessas observações, selecionamos algumas artistas relevantes, no cenário internacional, para nossa reflexão.

PERCURSO FEMININO

Iniciaremos nos primórdios do século XVII com Artemisia Gentileschi que representou o feminino em sua produção pictórica, e as últimas retrospectivas da artista realizadas na Europa têm buscado valorizar a dimensão de sua obra e sua relevância para a história da arte. Gentileschi conviveu desde muito jovem com a arte, pois além de seu pai, Orazio Gentileschi, ter sido um famoso pintor em Pisa, ela foi discípula de Caravaggio, artista bastante transgressor para a época (Janson, 1996). Importa ressaltar que Artemisia foi abusada sexualmente por um colega, aos 19 anos, e sua vingança evidenciou-se por meio de composições visuais, em que figuras femininas tiravam a vida de seus inimigos, como no quadro de Judite degolando Holofernes.

Figura 1: Jael & Sísera



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Na obra Jael & Sísera, outro quadro pintado por Artemisia (conforme mostrado na Figura 1), ela retrata esse tipo de desventura. Na Bíblia há uma passagem em que Jael esperou o exausto Sísera cair num sono profundo e com um martelo cravou uma estaca de sua tenda na têmpora de Sísera, que morreu ali mesmo. O texto bíblico informa que a violência do golpe foi tão grande, que a estaca cravou na terra (Jz 4:21).

A destreza de Jael ao manusear o martelo e a estaca provavelmente tinha a ver com o fato de que geralmente era tarefa das mulheres montar e desmontar as tendas.

O corpo feminino é um dos elementos triunfais na obra de Artemisia, que também desenvolveu estudos de anatomia, perspectiva e claro-escuro, com a potência, a persuasão e a teatralidade barroca.

Não temos dúvidas quanto aos embates de gênero que ela deve ter enfrentado ao atuar no universo da arte, espaço majoritariamente masculino. Investigar a trajetória profissional de Artemisia na pintura nos permitiu conhecer uma artista inserida no contexto das cortes da península italiana e da Europa como um todo, tendo desenvolvido uma produção à altura das exigências de alguns importantes líderes políticos e colecionadores de sua época.

Daremos um salto no tempo, para aterrissarmos no século XIX, que possui, nos 100 anos de sua composição, as primeiras grandes transformações no mundo ocidental.

Escolhemos Berthe Morisot, pintora francesa e uma das principais figuras do movimento impressionista. Ela nasceu em Bourges, França, em uma família rica, e desde jovem mostrou interesse pela arte. Morisot recebeu treinamento formal em arte e começou a expor seu trabalho no Salão de Paris, em 1864.

Foi uma das primeiras artistas a retratar a “mulher burguesa”, a feminilidade, o prazer da juventude e a maternidade. Pintava cenas da vida moderna, incluindo paisagens, retratos e cenas domésticas e íntimas, espaço pouco acessível aos homens pintores.

Morisot estava associada a outros artistas impressionistas, incluindo Edouard Manet, Claude Monet e Auguste Renoir. Renunciou, em um primeiro momento, ao matrimônio, porque mulheres casadas, de determinadas classes sociais, não poderiam se dedicar a ofícios remunerados. A artista, porém, tornou-se esposa de Eugène Manet, irmão de Édouard Manet, com 33 anos, em 1874, o que fortaleceu ainda mais suas conexões no mundo da arte (Amiot-Saunier, *apud* Singer, 2012).

Ao longo de sua carreira, Berthe Morisot enfrentou alguns dos desafios e preconceitos que as artistas mulheres de sua época se defrontavam. No entanto, persistiu e fez contribuições significativas para o movimento impressionista, entendeu o significado das rupturas e, através de pinceladas vigorosas, seu trabalho continua a ser celebrado por sua inovação e sensibilidade.

Figura 2: *Toilette*

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Embora haja expressivas figuras femininas (conforme mostrado na Figura 2) nesse período, é importante ressaltar que, no século XIX, estudar em Paris era sinônimo de sucesso e projeção profissional, porém as moças, durante quase todo o século, não eram aceitas nas instituições parisienses de ensino das artes. Somente em 1868 foi fundada a *Académie Julian*, que inicialmente preparava rapazes para concurso da *École des Beaux-Arts*, cujas provas eram bem difíceis e o francês deveria ser fluente. Apenas em 1897, a *École* passou a aceitar o público feminino.

A *Académie Julian* foi importante agente na inclusão das mulheres no universo das artes, no entanto as classes de moças e rapazes eram separadas, e as aulas de modelo vivo, que se constituíam na maior restrição social, foram solucionadas pela escola, em uma ação bastante vanguardista para a época. Em 1885, a *Académie Julian* contava com 400 alunas e o único senão era que ali, as moças deveriam estar dispostas a pagar caro por “tantos privilégios”: as mensalidades e as anuidades para mulheres custavam, geralmente, o dobro das masculinas.

Algumas brasileiras, como Georgina de Albuquerque e Julieta de França, tiveram acesso ao pioneirismo da *Académie Julian* e se tornaram grandes retratistas. Após suas passagens pela *Académie*, Julieta de França se tornou professora particular no Rio de Janeiro e no Instituto de Surdos e Mudos. Já Georgina de Albuquerque também se dedicou à educação, integrando inclusive o corpo diretivo da Escola Nacional de Belas Artes nos anos 1920.

Encontramos também situações bastante difíceis e adversas como o percurso profissional de Camille Claudel, uma artista além do seu tempo. Camille nasceu no interior da França e recebeu o nome de um irmão - que nascera e falecera antes dela - como homenagem, fato comum naqueles tempos. Aos 17 anos ela foi para Paris

estudar na Academia Calarossi, onde Rodin foi seu professor. Camille se tornou modelo, assistente, amante e posteriormente rival (1883 -1892) de seu mestre. (Chapelle, 1997)

O costume, naquela época, ditava que o mestre do ateliê pudesse se apropriar das obras dos colaboradores e alunos. E foi o que aconteceu com o casal: no ateliê de Rodin, encontraram-se obras de barro de autoria de Camille e que foram fundidas, depois da ruptura do casal, com assinatura de Rodin.

A separação da dupla se deu quando Camille sofreu um aborto em 1892, nessa altura, partiu para um projeto solo, posto que já possuía pleno domínio de um estilo próprio e muito criativo.

Em 1913, diagnosticada com transtorno mental, foi internada. Recebeu pouquíssimas visitas, uma delas bastante especial, foi a de sua amiga, Jessie Lipscomb, que insistia em dizer que Camille não possuía doença alguma (acreditamos que a família, por temer um escândalo, preferia mantê-la “encarcerada”). A artista ficou reclusa durante 30 anos, até sua morte.

Figura 3: A Valsa



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Ao atingirmos o século XX, entendemos ser importante apresentar um panorama no Brasil para além de Tarsila do Amaral e Anita Malfati que, de certa forma, vêm sendo estudadas com afinco, por muitos historiadores da arte.

Em 1922, no Rio de Janeiro, acontecia a Exposição do Centenário da Independência, evento grandioso com 15 pavilhões estrangeiros e milhares de visitantes por dia, de 7 de setembro a julho de 1923. Já em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1922 (até o dia 18) foi inaugurada a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal causando *frisson*, espanto e críticas.

Toda essa efervescência cultural aconteceu principalmente em São Paulo, porque a elite paulistana (que era representada principalmente pelos grandes

cafeicultores e desempenhou um papel central na sustentação e condução da política do café com leite) via na arte uma possibilidade de ascensão, e a elite conservadora deu uma contribuição expressiva. Por incrível que possa parecer, foi o grupo conservador que patrocinou jovens artistas que clamavam por modernidade: de Di Cavalcanti, um dos mais jovens com 25 anos, a Manuel Bandeira e Villa Lobos, com 35 anos.

Porém, algumas mulheres também participaram do evento. Quem eram elas? Porque, até então, as senhoras dedicavam-se ao lar e somente a ele. As artistas utilizavam o “dom” da arte, apenas para “uso interno”, ou seja, educar suas filhas.

Vamos conhecer algumas dessas mulheres que, de certa forma, transgrediram as regras vigentes:

Paulina Ambrosio era violinista e apesar de ter atuado na Semana, não há registros de sua participação. O mesmo se deu com a bailarina Yvonne Daumerie, e com a pintora e ceramista Zina Aita que expôs no evento. Ela fez seus estudos na Itália, entretanto, no Brasil, a cerâmica não fazia nem parte de uma arte menor. O fato é que, depois do encontro artístico, ela retornou para a Itália, onde foi reconhecida.

E nesse rol de mulheres que buscaram um lugar no cenário da arte, encontramos Regina Gomide Graz, pintora, decoradora e tapeceira, que iniciou seus trabalhos na década de 20, com bastante produtividade até os anos 50. Sua história também revela a resistência ao trabalho artístico feminino, uma vez que teve dificuldade de sair da sombra de seu marido - o artista suíço - americano John Graz - e de seu irmão, o pintor Antônio Gomide. Somente mais tarde passou a ser considerada a introdutora das artes têxteis modernas no Brasil.

Figura 4: Tapeçaria – Regina Gomide Graz



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Chegando ao fim da linha do tempo traçada neste estudo, aportamos na contemporaneidade, mostrando um recorte no qual as mulheres possuem um papel importante – as tramas e linhas. Como atividade ancestral ligada ao feminino, ao redor do mundo, a arte têxtil tem uma longa história. Desde a antiguidade, mulheres de

diversas sociedades têm utilizado essas técnicas como um meio de expressão cultural, identidade e memória.

No contexto contemporâneo, essa prática continua presente, assumindo novos significados e mantendo sua relevância como uma forma poderosa de manifestação artística e de resistência.

Há uma série de artistas mulheres que utilizam pontos, nós, laçadas e “suturas” como uma linguagem visual: exploram e comunicam temas complexos e profundos, enriquecendo a arte contemporânea com perspectivas únicas. Elegemos algumas destas artistas, cujo critério foi simplesmente empatia, para exemplificar essa potência visual:

- Sheila Hicks - Artista americana que usa têxteis e fios para criar grandes instalações e esculturas. Suas obras exploram cores vibrantes e materiais variados, combinando técnicas de tecelagem tradicionais com práticas artísticas atuais. Suas obras vão desde pequenas tapeçarias até grandes instalações imersivas.
- Maria Nepomuceno - Tramas e linhas desempenham um papel central no trabalho da artista brasileira que utiliza cordas e fios de diferentes espessuras, cores e materiais para criar composições intrincadas (conforme Figura 5). Esses elementos são entrelaçados, tecidos e enrolados para formar esculturas e instalações que evocam formas orgânicas que, de certa forma, lembram o próprio corpo.

Figura 5: Instalação de Maria Nepomuceno



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

- Sonia Gomes - A artista brasileira é conhecida por seu trabalho com tecidos, fios e materiais encontrados quase que aleatoriamente, os quais são transformados em esculturas e instalações vibrantes. Sua arte reflete suas raízes afro-brasileiras e às vezes explora temas como reminiscência, superação e força. Gomes utiliza técnicas como costura, colagem e amarração para criar suas obras,

frequentemente integrando objetos pessoais e materiais reciclados, que conferem às peças uma potente carga emocional e histórica.

Figura 6: Parte da Instalação *Sinfonia de Cores*, de Sonia Gomes



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

- Allisson Optiz - A artista brasileira é arquiteta de formação, o que fica evidente na composição de seus trabalhos. Mesmo os mais orgânicos possuem um fio condutor que orientam o projeto como um todo, no sentido da construção (conforme Figura 7). Utiliza diversos materiais, como a cerâmica, porém são os bordados que resgatam memórias intimamente atreladas às mulheres de sua família, com as quais conviveu, trazendo experiências e sensações que atravessaram e atravessam sua vida.

Figura 7: Quadro de Allisson Optiz na Exposição *Arquitetura do Ser*, na Galeria 18- São Paulo



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

- Cecilia Vicuna - Artista chilena multifacetada. Conhecida por seu trabalho que combina arte, escrita, ativismo social e político e ecologia. É defensora dos direitos humanos e das culturas indígenas da América Latina. Sua obra aborda questões ambientais, destacando a necessidade de se preservar a natureza e respeitar os ecossistemas. Para tal, muitas vezes emprega materiais naturais e efêmeros, refletindo a fragilidade do meio ambiente.

Figura 8: *Art Installation* de Cecilia Vicuña na Tate Modern - Londres



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

19

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas têxteis na atualidade continuam a ser uma forma significativa de expressão para muitas mulheres artistas, pois são uma maneira de conectar o presente ao passado, permitindo que elas explorem suas identidades e histórias pessoais, enquanto também comentam questões sociais e políticas pertinentes à contemporaneidade. Dessa maneira, tal arte retrata um fazer feminino que acompanha as conquistas da mulher ao longo dos séculos, saindo de um espaço doméstico e atingindo as demais instâncias da sociedade, por meio de temáticas ligadas à política, ao meio ambiente, à educação e à cultura, entre outras.

REFERÊNCIAS

AMIOT-SAUNIER, E., **Berthe Morisot, derrière l'apparence du costume**. Revista L'Objet D'Art, N. 64, p. 52-55, set. 2012.

ARGAN, G.C., **Arte Moderna: Do Iluminismo aos Movimentos Contemporâneos**. São Paulo: Cia das Letras, 1996

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. <http://www.livroesoterico.com.br>. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000002.pdf>. Acesso em: 10 de dez. 2024.

COSTA, M. de L. e PEIXOTO, R.F. (org.) - **Modernidades Emancipadas**. Rio de Janeiro: Danielian Edições, 2022.

DE ALMEIDA, M.S. **Espaço e gênero na obra de artistas mulheres**. Revista Minerva Universitária: Lisboa-Portugal, ano IV, out. 2022. Disponível em: <https://www.revistaminerva.pt/espaco-de-genero-na-obra-de-artistas-mulheres>. Acesso em: 07 dez. 2024.

EQUIPE EDITORIAL. **A participação das mulheres na história da arte**. Arte Ref Notícias em Arte Contemporânea, 2023: Cotia-SP. Disponível em: <https://arteref.com> Acesso em: 30 de nov. 2024.

JANSON, H. W. **Iniciação à História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

LOBATO, M.A. **A Propósito da Exposição Malfatti**. Jornal O Estado de São Paulo: São Paulo, 20 de dez.1917.

MUSEU DE ARTE MODERNA (Rio de Janeiro, RJ); PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO (São Paulo-SP). **Camille Claudel 1864-1943: Esculturas, Desenhos e Pinturaa**. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1997. Catálogo de Exposição.